



REVISTA DE ESTUDIOS E INVESTIGACIÓN

EN PSICOLOGÍA Y EDUCACIÓN

eISSN: 2386-7418, 2017, Vol. Extr., No. 13

DOI: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.13.2784>

Educação ubíqua: reflexões de docentes a partir de uma experiência com o Facebook

Ubiquitous education: teachers reflections from an experience with the Facebook

Joelci Silva; Sônia Urt

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo provocar reflexões acerca da interlocução entre as relações pedagógicas, estabelecidas a partir do uso educacional do Facebook, e a educação ubíqua. Integra os estudos da tese "Professoras na rede: Facebook e mediação no processo de ensino aprendizagem". Os instrumentos para coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e oficinas de aprendizagem. Seus referenciais foram a Teoria Histórico-Cultural e a Tecnologia Educativa. Conclui-se que a aceitação dos(as) docentes é fundamental para modificar as relações pedagógicas passando a considerar outros tempos e espaços para a educação escolar, para que o Facebook contribua na apropriação do conhecimento.

Palavras chave: educação ubíqua, docência, facebook

Abstract

This work has as main objective making reflections on the interlocution between as pedagogical relations, established from the educational use of Facebook, and the ubiquitous education. Integrates the studies of "Teachers in the network: Facebook and mediation in the process of teaching learning". The instruments for data collection were semi-structured interviews and learning workshops. The Historical-cultural theory and Educational Technology were used in analyzes. We concluded that the teachers' acceptance is fundamental to modify as pedagogical relationships, considering other times and places for school education, so that Facebook contributes to the appropriation of knowledge.

Keywords: ubiquitous education, teaching, Facebook

Introdução

Diante do crescimento significativo das redes sociais online, sobrevieram inquietações acerca da possibilidade de sua inserção na educação escolar. Assim, entender de que maneira a rede social Facebook pode contribuir, ao ser inserida no fazer docente, como um ambiente para mediação para auxiliar a apropriação do conhecimento, foi a questão que norteou os momentos para a produção da tese "Professoras na rede: facebook e mediação no processo de ensino aprendizagem". O trabalho em tela deriva desses momentos.

Tal necessidade de entendimento foi intensificada pelos estudos e pelas experiências vividas durante a realização do Estágio Científico Avançado no âmbito de doutoramento, desenvolvido no Instituto de Educação da Universidade do Minho - Braga/Portugal, entre abril e

julho de 2017, atividade que integra o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

As análises aqui apresentadas trazem os dados da fase em campo da pesquisa, que foi realizada entre os meses de abril e novembro de 2015 com um grupo de dezesseis professoras de uma escola municipal da cidade de Campo Grande - MS, que tiveram suas concepções ouvidas por intermédio de entrevista semiestruturada e durante a realização das nove oficinas das quais participaram. As experiências nessa fase possibilitaram trocas, reflexões e análises acerca das possibilidades do Facebook para/na educação escolar.

A técnica Análise de Conteúdo foi usada para esquadriñar os dados provenientes dos momentos mencionados, e os referenciais da Teoria Histórico-Cultural e da Tecnologia Educativa embasaram os posicionamentos teóricos.

Os resultados desse estudo deram suporte e instigaram a confecção deste trabalho, que tem como principal objetivo provocar reflexões acerca da interlocução entre as relações pedagógicas, estabelecidas a partir do uso educacional do Facebook, e a educação ubíqua.

Facebook e Educação Ubíqua

A organização das pessoas em redes para os mais diversos fins é observada como uma constante na evolução histórica da humanidade (Marteleto, 2001). Os agrupamentos se dão por afinidade de atividades, interesses e ideais. Agrupar-se é característico do ser humano. A partir desses agrupamentos são estabelecidas relações que permitem o compartilhamento de informações e vivências individuais, que estejam em consonância com o objetivo maior do grupo.

Conforme as tecnologias da informação e comunicação, e em especial a internet, se firmavam como serviços disponíveis a um número maior de pessoas a cada ano que se passava (Castells, 2005, p. 89), as redes sociais foram gradativamente ocupando também o espaço digital.

Morgado, em sua intervenção no painel II - Inovação Curricular e de Aprendizagem em Contextos Digitais, na Conferência Internacional Challenges 2017, ocorrida no mês de maio na Universidade do Minho, cidade de Braga - Portugal, ao falar caracterização do fenômeno educativo em Portugal nos dias atuais, abordou as

tecnologias e a maneira como seus usos impactou nas relações e destacou o lugar das redes sociais:

Facto é que desde os “simples” telemóveis, aos computadores e à Internet, a utilização generalizada das novas tecnologias tornou-se uma prática comum e mudou as nossas relações sociais, as nossas relações de/no trabalho e até os momentos de lazer. Poucos são os que não estão ligados a alguma rede social que lhes permita dialogar, partilhar e viver num mundo que se transformou de tal forma que “a proximidade social” deixou de estar associada à “proximidade geográfica” (Beck, 2017, p. 187). (Morgado, 2017, p. 804).

Assim, notamos que as redes sociais encontraram na internet mais um espaço de sua expressão. Podemos destacar que as características fundamentais das redes sociais não sofreram alterações significativas em suas diretrizes, apenas foram potencializadas com os recursos tecnológicos.

A escolha de direcionar o nosso olhar para o Facebook se deu por quatro fatores: ser em português, ser gratuito, ter uma interface simples e amigável, e, principalmente, por sua popularidade.

Em junho de 2017 a empresa Facebook anunciou que contava com dois bilhões de usuários ativos espalhados pelo mundo, destes noventa e nove milhões estão no Brasil (Cossetti, 2017, p. 1).

Por esses dados entendemos que o Facebook é parte do cotidiano de um número significativo de pessoas que optam por integrar as relações convencionais a outra forma de interagir, usando outra dimensão que não exclui suas articulações fora do mundo virtual, já que esse universo:

É uma dimensão de nossa vida. Isso não é uma sociedade puramente virtual, já que as pessoas que se conectam no Facebook estão altamente conectadas em sua realidade física, em sua realidade do dia a dia. É um mundo híbrido, não é um mundo exclusivamente virtual. (Castells, 2010, p. 95).

Nesse sentido podemos considerar que o Facebook é usado por muitas pessoas, fazendo parte de suas vidas. Essa proximidade provoca uma familiaridade que pode representar um fator positivo para sua inserção na educação escolar, uma vez que pode contribuir para a redução das habituais reações antagônicas, provocadas pelo novo em geral, e pelas novas tecnologias nomeadamente.

Pensamos então que, uma vez articulado às disciplinas, o uso do Facebook tem potencial para contribuir na educação escolar. Para além das notórias e divulgadas características de interação social e expansão das formas de comunicação, essa rede social possibilita especialmente a atividade docente mediada em um ambiente que permite outro olhar para as variáveis tempo e espaço de/para aprendizagem, uma vez que:

Algumas vantagens do serviço podem favorecer o uso educacional do Facebook, a saber: facilidade de conversação, auxílio na diminuição das relações hierárquicas de poder entre professor e alunos, melhora do nível de relacionamento, suporte à interação entre alunos, rompendo com o discurso

limitado tipo aluno-professor. (Hessel & Silva & Hardagh & Alegretti, 2012, p.54).

O Facebook pode facilitar o processo de aprendizagem ao permitir o acesso a um mundo multimídia, posto que tais recursos dinamizam a aprendizagem, expandem o contato com estímulos, desenvolvem o potencial de abstração além de possibilitar ao aluno e ao professor uma interação diferenciada da experimentada em sala de aula, e por este caráter despertam a atenção e a curiosidade, estimulando uma participação prazerosa dos(as) alunos(as).

Utilizar as redes sociais online como ambiente de mediação para aprendizagem implica em redefinir o tempo, que não mais obedecerá rigidamente a lógica dos tempos de aula, ficando a disposição de alunos(as) e professores(as) para interagirem nos momentos por eles escolhidos, na escola ou fora dela e considera como espaço educativo o mundo ao alcance de um clique de *mouse* ou toque de tela.

Essa visão corrobora com as determinantes da aprendizagem ubíqua, que é livre e pode ocorrer a qualquer tempo sem a necessidade de um espaço físico definido, dependendo apenas da disponibilidade de acesso (Santaella, 2010, p. 19).

Tais características são permitidas pelo Facebook, que dentre as muitas possibilidades, torna acessível a construção da aprendizagem colaborativa, na medida em que fortalece e amplia as formas de interação entre seus usuários, por meio de compartilhamento e discussões mediadas, uma vez que: “A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva.” (Lévy, 1998, p.17).

A educação ubíqua é aqui entendida como um processo que pode ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar e que considera os contextos histórico e cultural do indivíduo como fatores determinantes da sua constituição. Entende a mediação e a linguagem como fatores preponderantes para a aprendizagem e para o desenvolvimento humano, na medida em que apreende a linguagem e externaliza o pensamento: “elevando o desenvolvimento intelectual e afetivo aos níveis mais altos, convertendo a pessoa em um ser social emancipado, crítico, independente, autônomo, comprometido e produtor de cultura.” (Arias Beatón, 2014, p. 364, tradução nossa).

Detalhamentos da pesquisa

As análises e discussões que terão lugar a seguir são provenientes do momento empírico da pesquisa realizada com um grupo de professoras de uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Essa investigação privilegiou a abordagem qualitativa do problema proposto, e se caracteriza como pesquisa colaborativa quanto aos procedimentos usados, com abrangência local. Sua abordagem teórico-metodológica se define como crítica-dialética.

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: as entrevistas semiestruturadas, gravadas e posteriormente transcritas e nove Oficinas de

Aprendizagem, desenvolvidas nos sábados letivos, no período matutino.

Os dados obtidos foram sistematizados e analisados partindo da questão central "O que se desprende das interações experienciadas com as professoras, acerca da inserção do Facebook, como ambiente de mediação, na relação professores x alunos x apropriação do conhecimento".

Para compreender os dados provindos da pesquisa, foi escolhida como técnica a Análise de Conteúdo, aplicada tanto às respostas das entrevistas quanto nas atividades realizadas durante as Oficinas de Aprendizagem. Desta análise, foram formadas quatro categorias temáticas: "Questões sobre docência" (composta pelas subcategorias "Relações pedagógicas modificadas", "Motivação discente" "Dilemas docentes"); "Questões sobre aprendizagem" (constituída pelas subcategorias "Dificuldades dos alunos" e "Excessos virtuais"); "Questões sobre interatividade" (formada pelas subcategorias "Problemas de infraestrutura" "Espaço de interação digital") e "Outra" (composta por respostas que fugiram às questões postas ou quando não houve resposta, ou ainda quando responderam com negação ou afirmação simples sem justificativa).

Para esse trabalho, serão discutidas a seguir questões relacionadas a categoria "Questões sobre docência" por intermédio de sua subcategoria "Transformações nas relações pedagógicas".

A voz dos professores: Análises e discussões

Por sempre representar a sociedade em que está inserida, sendo por ela influenciada e a ela influenciando constantemente, também os processos educativos acompanham as modificações experimentadas por ela. Percebemos tais influências nas questões inerentes à aprendizagem e à docência.

Hoje a interatividade digital está presente em grande parte das relações, e por isso ganham espaço na educação escolar, podendo ser notada em muitas atividades docentes. Porém a questão que se coloca é: está havendo a redefinição dessas atividades, de maneira a realmente inserir a tecnologia nos processos educativos de forma a ressignificá-los? Ou prossegue-se a fazer tudo como dantes, mas agora ou invés da lousa usa-se algum aplicativo?

Entendemos que para que a mudança seja válida e apresente resultados positivos para a educação escolar, mais do que conhecer ferramentas e possibilidades tecnológicas, é necessário que as relações existentes na escola sofram alteração.

Para discutir tais questões traremos as falas das professoras colaboradoras da pesquisa que investigou o Facebook. Os excertos foram tirados da atividade "Roda de conversa", realizada em uma das oficinas. Para salvaguardar a garantia de anonimato os nomes das professoras que aparecerão aqui são fictícios.

Quanto ao entendimento acerca da aprendizagem ubíqua destacamos as impressões da Professora Lygia

A gente também tem que separar, daí eu vou perder a autoridade [...] O ruim é esse, que a gente não consegue separar, e o bom que a gente consegue se conectar com o mundo a qualquer momento, a

qualquer hora. [...] todas notícias, falar com as pessoas, eu acho... Vocês viram que o Papa falou com vários estudantes ao mesmo tempo. Gente, aquilo. Do outro lado do mundo falando com várias crianças (Professora Lygia).

Essa questão de aceitar os alunos nas suas páginas pessoais ainda representa um empecilho para alguns(mas) docentes. O lado "ruim", destacado no excerto destacado, nos mostra que existe ainda um grande caminho a percorrer para que a interação entre professores(as) e alunos(as), mediada via Facebook, aconteça de forma tranquila para ambas as partes. Concordamos com a posição de Silva (2001) quando destaca que a tecnologia digital clama por uma nova postura pedagógica, que valoriza a bidirecionalidade em detrimento da manutenção da autoridade:

Então é preciso enfatizar: o essencial não é a tecnologia, mas um novo estilo de pedagogia sustentado por uma modalidade comunicacional que supõe interatividade, isto é, participação, cooperação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões entre informações e atores envolvidos. (Silva, 2001, p.15).

Já a possibilidade de romper os tempos e espaços das aulas apareceu como fator positivo no comentário. Por essa consideração percebemos que a ampliação das possibilidades de comunicação disponibilizadas pelo Facebook são notadas por essa professora, que também considera essa característica como favorável para sua atividade docente.

Nesse sentido concordamos com Moran (2000) a discorrer acerca da necessidade da revisitação de alguns paradigmas, é necessário portanto: "ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente" (Moran, 2000, p.8).

Outra questão pontuada que merece destaque é a disponibilidade do(as) professores(as) para ocupar também o espaço online e estar com seus alunos:

Agora vem o ponto de interrogação na minha cabeça, igual professora de Biologia, pegou e virou e falou assim: "Eu estou na escola, eu to o tempo todo na escola e a noite eu estou em casa, e eu entro na rede." Mas e a família da professora? Se ela tá o tempo todo na escola? Eu quero saber daqui 10 anos o futuro (Professora Raquel).

Eu Acho que por exemplo tem que ser assim, mais ou menos? Igual quem faz esses cursos a distância? EAD. Quanto tempo eu vou ficar aqui? Uma hora. Pessoal to aqui uma hora. Igual os tutores né? Estamos aqui nesse período. Quem quiser conversar alguma coisa, to aqui nesse período. No final de semana não. (Professora Lya)

Os pensamentos das professoras nos fazem direcionar a atenção para as alterações requeridas nas relações pedagógicas, na forma diferenciada de pensar o ensino e a aprendizagem, reestabelecendo as conceituações de tempo e espaço, descentralizando o processo de construção do conhecimento, erigindo comunidades virtuais de aprendizagem, fazendo entender que

Novas práticas de ensino e aprendizagem exigem o desenvolvimento de novas competências docentes e

discentes. Percebe-se que, embora a tecnologia e o desenvolvimento de competências técnicas no docente sejam evidentes e tenham o seu devido peso, torna-se indispensável buscar e desenvolver competências interativas que valorizem a dimensão comunicacional e relacional dos docentes para atuar em espaços hiperconectados. (Silva & Conceição, 2013, p. 158).

Os espaços conectados se constituem como outro ambiente de relações, que se desenvolvem de acordo com as especificidades desse ciberespaço, e por isso possuem algumas características diferentes das relações travadas off-line tais como o aumento da proximidade entre as pessoas, já que a internet desconhece limites geográficos.

É importante que os(as) professores(as) estejam abertos a trabalhar em um novo contexto, possibilitado pelas aplicações e espaços online. Ao se disponibilizarem para outras possibilidades abrem espaço para a criação de uma nova realidade transformadora:

Assim, cada ideia nossa, cada um de nossos movimentos e vivências constituem a aspiração a criar uma nova realidade, o ímpeto para a frente, rumo a algo novo. A vida só se transforma em reação quando se libera definitivamente das formas sociais que a deformam e mutilam. (Vygotski, 2004, pp. 303-304).

Vygotsky ressaltou que é por meio da educação escolar que a criança entra em contato com novos conhecimentos contidos nos conceitos científicos, conseguindo apreendê-los e readequá-los sistema de conceitos já existentes.

Nos conceitos científicos que a criança adquire na escola, a relação entre esses conceitos e cada objeto é logo de início mediada por outro conceito. Assim, a própria noção de conceito científico implica uma certa posição relativamente aos outros conceitos, isto é, um lugar num sistema de conceitos. (Vygotsky, 2002, p. 66).

A educação escolar é a responsável direta pelo avanço intelectual do indivíduo, pois, como destacamos, durante o período escolar ocorrerá o incremento de seu sistema de conceitos. Tal evolução incentivada e proporcionada pelo ensino escolar, deve sempre preceder o desenvolvimento cognitivo, estimulando-o e provocando-o, a cada conceito internalizado.

Uma vez entendidas as questões abordadas, não defendemos aqui a ideia de substituir a aprendizagem convencional experimentada na educação formal pela possibilidade da aprendizagem ubíqua. Trata-se sim de ver esses recursos tecnológicos postos à serviço das atividades docentes, considerando todas as possibilidades para seu sucesso, por percebemos o potencial contributivo que esses recursos encerram. Concordando, assim, com Santaella (2010):

Estamos, portanto, muito longe da ideia de que a aprendizagem ubíqua possa porventura substituir a educação formal, a informal e a não formal, assim como não substitui as formas de aprendizagem gutenberguianas, a distância e em ambientes virtuais. Na realidade, elas se complementam. (Santaella, 2010, p.21)

Por esse entendimento, torna-se indispensável trazer o Facebook e os demais recursos tecnológicos realmente para o centro do processo educativo, de forma a aproveitar todas as suas potencialidades, especificamente às possibilidades de contar com outro ambiente, disponível a qualquer hora para que haja mais momentos de aprendizagem.

Algumas considerações

Os temas aqui tratados representam uma reflexão direcionada para o estabelecimento de outros caminhos para a educação escolar, ainda que tenhamos ciência de que mudanças nas relações humanas, em qualquer esfera, demandam tempo e um entendimento que não vem automaticamente, a reboque das mudanças experimentadas pela sociedade.

Entendemos que apesar das professoras ressaltarem problemas também pontuaram possíveis contribuições no uso do Facebook, para auxiliar nas questões vividas no cotidiano escolar, tais como trabalhos diferenciados em salas de aula, aumento da proximidade com os alunos e a ampliação das interações ali mediadas dentre outras.

Como resultado destacamos que existe uma resistência por parte das colaboradoras, em especial no que tange a flexibilização do tempo das atividades docentes. Foi destacada a diminuição de horários para dedicação à vida pessoal como uma dificuldade para a consolidação da educação ubíqua.

Também foi elencada como problema a possível perda de autoridade, ao permitir que alunos conheçam suas vidas privadas, compartilhadas no Facebook.

Por fim concluímos que o contato com as professoras fez nascer uma necessidade de aprofundar as reflexões acerca da inserção do Facebook nas atividades docentes e na educação escolar como um todo, indicando que há muito ainda por fazer para que sua inserção nos processos de ensino e de aprendizagem seja efetiva.

Agradecimentos

*Bolsista CAPES (DS) e Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE - CAPES Processo nº 88881.135521/2016-01).

Referências

- Arias Beatón, G. (2014). Una educación para todos y de calidad, una máxima ética y política. *Revista Cuadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 18, Número 2, Maio/Agosto de 2014, pp.359-368. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282332471020> Acesso em: 12 jul. 2017.
- Castells, M. (2005). *A sociedade em rede*, vol.1, 8 ed. (Majer, R.Trad.). São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2010). Redes sociais e transformação da sociedade. In: *Cadernos Ruth Cardoso*. Centro Ruth Cardoso. pp. 89-98. Disponível em: http://www.institutounibanco.org.br/wp-content/uploads/2013/07/juventude_urbana-inquietacoes_e_perspectivas.pdf Acesso em: 07 jul. 2016.
- Cossetti, M. C.(2017). Facebook chega a 2 bilhões de usuários: O site voltou a valorizar os grupos e as

- comunidades e lançou um vídeo chamado “O bem se soma”. *Techtudo*. Revista online. Sessão Tecnologia. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/2017/06/facebook-k-chega-a-2-bilhoes-de-usuarios.ghtml> Acesso em: 05 jul. 2017.
- Hessel, A. M. G. & Silva, J. E. & Hardagh, C. C. & Alegretti, S. M. M. (2012). Aprendizagem nas redes sociais virtuais: o potencial da conectividade em dois cenários. *Revista eletrônica Contemporaneidade, Educação e Tecnologia [CET]*, v. 01, pp. 53-60,. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/04/pucsp_2012.pdf Acesso em 12 jul. 2017.
- Lèvy, P. (1998) *A Máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed.
- Martelete, R. M. (2001). Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 30, n. 1, pp. 71-81, abr. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652001000100009&lng=pt&nrm=iso <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652001000100009> Acesso em: 13 maio. 2017.
- Morgado, J. C. (2017). Currículo, tecnologias e inovação em educação: sentidos e desafios. *Atas X Conferência Internacional de TIC na Educação - Challenges 2017*. (pp. 803-812). Braga: Universidade do Minho.
- Moran, J. M. (2000). Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: Moran, J. M., Masetto M. T., Behrens, M. A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. pp. 11 – 66. Campinas, SP: Papirus.
- Santaella, L. (2010). A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? *Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP*, Vol. 2, N. 1. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852>. Acesso em 27.jun.2017.
- Silva, B.; Conceição, S. (2013). Desafios do B-learning em tempos da cibercultura. In: Almeida. M. E., Dias, P.; Silva, B. *Cenários para a inovação para a educação na Sociedade Digital*. São Paulo: Editora Loyola, pp. 137-161.
- Silva, M. (2001). Sala de aula interativa a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. pp. 1-20. Disponível em: www.unesp.br/proex/opiniao/np8silva3.pdf Acesso em 20 jun. 2017.
- Vigotski, L. S. (2004). *Psicologia pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2002). *Pensamento e linguagem*. Edição eletrônica: Editora Ridendo Castigat, Mores. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf> Acesso em: 23 jun. 2017.